

TERMO E VALOR LINGUÍSTICO: UMA ABORDAGEM ENSAÍSTICA

Leonardo Zilio*

Resumo: *Este artigo se propõe como um ensaio sobre a Terminologia. Nesse sentido, discutimos algo que é considerado um elemento fundamental da Terminologia, a noção do que é um termo, e problematizamos essa noção à luz da Linguística Estruturalista. Ao longo da discussão, abordamos as noções de valor linguístico e significação e apresentamos um pouco de uma teoria proposta nos anos 1980, a Linguística do Texto Especializado. Também defendemos que ela seja tomada como paradigma para os estudos que se encontram atualmente sob o teto da Terminologia.*

Palavras-chave: *Terminologia, termo, valor linguístico, significação, Linguística do Texto Especializado*

Abstract: *This paper presents itself as an essay on Terminology. In this sense, we discuss the one thing considered as key element of Terminology, the notion of term, and pose some problems to this notion under the assumptions of Structural Linguistics. We discuss the notions of linguistic value and signification, and develop a bit of a theory called Specialized Text Linguistics, an approach dated of the early 1980s. We also advocate that this theory should be taken as paradigm for the studies under the umbrella of Terminology.*

Keywords: *Terminology, term, linguistic value, signification, Specialized Text Linguistics*

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

No trabalho terminológico, o termo se apresenta como um dos principais conceitos. Porém, definir precisamente o que é um termo é algo bastante complexo. O terminólogo frequentemente acaba com um grande problema ao se deparar com um texto e ter a difícil tarefa de arbitrar o que entrará para sua “lista especial” de termos e o que será descartado. Uma pergunta comum que o terminólogo se faz é a seguinte: Como distinguir o que é termo daquilo que não é?

As teorias de Terminologia¹ existentes tentam dar um esclarecimento sobre o que vem a ser um termo, mas, frequentemente, seus apontamentos levam para distinções altamente subjetivas por parte do profissional, que acaba arbitrando a questão baseado principalmente em seus instintos.

Neste breve artigo, revisamos rapidamente alguns conceitos expressos por teorias de Terminologia e propomos uma abordagem de termo diferente do que se vem fazendo até então. Nosso estudo aborda o valor linguístico, partindo da proposta do

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutorando em Linguística pela mesma universidade. lzilio@ig.com.br

¹ A palavra ‘terminologia’ apresenta um problema conceitual em si. Wüster (1974) apresenta duas acepções dessa palavra: 1. o vocabulário de uma determinada área da ciência, entendendo vocabulário aqui como o conjunto de termos; e 2. a teoria que organiza esse vocabulário. Sager (1990, p. 3) e Cabré (1999) distinguem mais uma acepção, que é a de atividade, ou seja, “conjunto de práticas e métodos usados para a coleta, descrição e apresentação de termos”. Neste artigo, utilizamos a forma Terminologia, grafada com inicial maiúscula, para denotar as acepções de teoria e atividade, e a forma terminologia, grafada com inicial minúscula, para nos referirmos a um conjunto de termos.

mestre genebrino Ferdinand de Saussure (2006) e ampliando os horizontes para tentar entender quais os benefícios e quais as mudanças implicados em tal mudança de abordagem.

Temos plena consciência de que responder de forma exaustiva as questões que se levantarão a partir dessa abordagem é uma tarefa complexa e impossível de completar em apenas um artigo teórico, porém, é preciso que se apresentem as ideias para que elas possam ser posteriormente desenvolvidas em outros estudos.

A Seção 2 deste artigo apresenta algumas visões do que seria um termo. Na Seção 3, discutimos a noção de valor linguísticos e significação. A Seção 4 mostra algumas das implicações da nova abordagem proposta e a Seção 5 discute uma nova visão sobre a Terminologia. Por fim, na Seção 6, apresentamos algumas considerações sobre as ideias expostas.

O QUE É UM TERMO?

A pergunta-título desta seção, por mais simples que pareça, é uma das mais difíceis de ser respondidas pela Terminologia. Porém, também é extremamente necessário que uma teoria terminológica a responda de forma consistente se almeja ter algum êxito, pois é em torno desse objeto que a maioria das teorias terminológicas ronda.

Dentre as teorias terminológicas que conhecemos, existe somente uma que não toma o termo como elemento fundamental da Terminologia. Essa teoria se denomina Linguística do Texto Especializado, que tem em Hoffmann (1988a; 1988b) e Kalverkämper (1983) dois de seus principais expoentes. Seu foco principal é o texto especializado e a linguagem ali presente, não se importando tanto em diferenciar o que é termo ou não. É preciso ressaltar que, nos anos 1980, quando essa nova abordagem com viés textual foi proposta, o paradigma teórico da Terminologia era a Teoria Geral da Terminologia, de Wüster (1974), que não tinha grande envolvimento linguístico. Acreditamos que esse seja um dos motivos pelo qual os autores da Linguística do Texto Especializado não apresentam suas ideias dentro do paradigma terminológico, e sim como uma teoria à parte.²

Desse modo, a organização das terminologias é delegada a outra área, o Trabalho Terminológico, que tem como referência a Teoria Geral de Terminologia. Segundo a Teoria Geral de Terminologia, um termo é uma denominação que se refere, de forma unívoca dentro da área, a um conceito (Wüster, 1974). De acordo com essa teoria, existe uma divisão clara entre a língua comum e as línguas de especialidade. Enquanto as palavras pertencem à língua comum, o termo pertence à língua de especialidade e deve ser controlado de forma a não existir uma mesma denominação para dois conceitos. Uma língua de especialidade é composta por uma rede interligada de conceitos especializados, cada um com seus próprios conceito e denominação inseparáveis³ e uma organização que impeça qualquer confusão entre eles. Nesse entendimento, é necessário que os termos sejam normatizados e, quando houver

² Para maiores informações sobre essas questões sobre a Linguística do Texto Especializado, consulte Zilio (2010) sob o nome de Terminologia Textual.

necessidade de se criar uma denominação, que essa criação se dê de forma consciente e segundo parâmetros pré-determinados, de modo que não haja problemas na comunicação entre especialistas.

A separação drástica proposta entre língua comum e língua de especialidade, e o fato de destinar um trabalho essencialmente linguístico (a organização de conceitos) a especialistas de diferentes áreas fizeram com que surgissem, alguns anos depois, correntes contrárias a essa visão da Teoria Geral de Terminologia.

Surgiram então correntes que passaram a entender um termo não mais como fazendo parte de um sistema de denominações vinculado a um sistema de conceitos, mas sim como fazendo parte do sistema linguístico. Essa é a posição que Cabré assume ao propor sua Teoria Comunicativa da Terminologia. A partir dessa teoria, entende-se que um termo é um objeto poliédrico, ou seja, que é possível abordá-lo por três diferentes vias: a via linguística, a via filosófica (cognitiva) e a via das áreas especializadas (Cabré, 1999). Ao assumir que um termo faz parte do sistema linguístico faz-se necessário, porém, deixar claras as diferenças entre um termo e uma palavra não termo. Cabré (1999, p. 26) sustenta, em sua teoria, que ambos se distinguem “i) por seus usuários; ii) pelas situações em que são utilizados; iii) pela temática que veiculam e iv) pelo tipo de discurso em que se inserem”⁴. Se pensarmos nessas características, podemos dizer que um termo se identifica como tal pelo contexto em que aparece, considerando tanto o contexto linguístico quanto o contexto pragmático.

Existem também outras definições de termo. Voltando à Linguística do Texto Especializado, percebemos que ela, apesar de deixar o trabalho de organização das terminologias para outros cientistas, não deixou de pensar sobre o vocabulário que aparece nos textos especializados. Dessa forma, Pearson (1998), assim como antes dela Hoffmann (1988b), distingue três categorias de palavras: o vocabulário específico da área (os termos), o vocabulário especializado não específico da área (os termos de outras áreas) e o vocabulário comum (as palavras que não são termos). Essa definição também parte de uma visão pragmática de termo, vinculando sua especificidade à área que produz o texto especializado.

Hoffmann (1985, *apud* Pearson, 1998) menciona ainda a existência de uma visão mais abrangente, que defende que toda unidade lexical presente em um texto especializado deve ser considerada um termo. Essa proposta, ao mesmo tempo em que facilita a tomada de decisão por parte do terminólogo, implica em reconhecer que não necessitamos distinguir o que é termo e, portanto, não precisamos de sua existência, fazendo com que várias teorias de Terminologia deixem de ter seu objeto de estudo.

Enquanto essa visão possa parecer bastante radical, ela encontra um suporte na teoria linguística estruturalista, como começamos a expor na seção a seguir. Nela, expomos algumas perspectivas das noções de valor e significação.

O VALOR E A SIGNIFICAÇÃO

³ Essa visão de conceito e denominação inseparáveis tem como inspiração inegável o Curso de Linguística Geral, podendo ser comparada à relação entre significante e significado.

⁴ No original: “i) por sus usuarios; ii) por las situaciones en que se utilizan; iii) por la temática que vehiculan, y iv) por el tipo de discurso en que suelen aparecer”. As traduções contidas neste artigo são nossas.

As noções de *valor* e *significação* são centrais para uma teoria linguística estruturalista semântica⁵.

O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL E SIMON BOUQUET

Em determinado ponto do CLG (Saussure, 2006), vemos que a palavra *unidade* é subitamente substituída por *valor*. Isso decorre das dificuldades encontradas para definir o que essa *unidade* representa. Ao se voltar para o valor, é possível que se trabalhe com algo que não precisa se apresentar por características positivas. Isso ocorre porque o valor se define através de relações de oposição (ou relações negativas) e não por características inerentes⁶. Desse modo, o valor de uma palavra é aquele que não está nas demais palavras. Estamos falando aqui de valor paradigmático e valor sintagmático.

Para que entendamos melhor as facetas do valor, recorremos a Bouquet (1997). Em sua obra *Introdução à leitura de Saussure*, lançando mão não somente do Curso de Linguística Geral, mas também dos manuscritos de Saussure e de vários cadernos de seus alunos, Bouquet apresenta o valor dividido em duas grandes partes, as quais denomina *in absentia* (relações paradigmáticas) e *in praesentia* (relações sintagmáticas).

O valor *in absentia*, por sua vez, se divide em valor sistêmico e valor interno do signo. O valor interno do signo compreende: a) o valor do significante em relação ao significado; b) o valor do significado em relação ao significante; e c) o valor que ambos estabelecem mutuamente, devido à sua inseparabilidade e sua determinação mútua. O valor sistêmico se divide em dois: a) o valor fonológico e b) o valor semântico. É claro que essas subdivisões são somente metodológicas, já que todos esses valores se combinam na consciência do falante. Assim como se combinam com o valor *in praesentia* para consolidar um objeto semântico complexo.

O valor *in praesentia* corresponde à oposição entre as unidades no eixo sintagmático, ou seja, dentro de uma frase, ou de um texto, cada unidade adquire seu valor pela oposição às unidades que a circundam. Ou seja, a palavra é aquilo que as outras não são.

Segundo essa perspectiva, se tomarmos como exemplo a frase

“João foi para casa.”

o valor *in praesentia* de “João” é aquilo que não está representado por “foi”, “para” e “casa”. Já o valor *in absentia* de “João” é a relação existente internamente no signo “João” e na oposição desse signo com todos os demais signos da língua.

Agora que já falamos um pouco sobre valor, podemos voltar nossa atenção para a *significação*. A *significação*, segundo nos apresenta Bouquet (1997), é a contrapartida

⁵ A noção de *significação* é entendida *grosso modo* como o que compreendemos a partir da leitura ou audição de determinado signo em um texto. Ela é uma parte do valor, que seria o conjunto de características semânticas de um signo. Também veremos que, por mais que seja parte do valor, este não a contém totalmente.

⁶ Assim, uma palavra não se definiria, por exemplo, por traços semânticos, já que estes são uma característica positiva.

do significante, ou seja, é estabelecida por um dos valores internos do signo, o do significado em relação ao significante. Mas não é só isso. A significação também se apresenta na oposição sistêmica entre os signos, ou seja, o valor sistêmico. E ambas as significações seriam “indissolúveis” (Bouquet, 1997, p. 262). Essa afirmação se apoia na seguinte citação do caderno de Constantin (*apud* Bouquet, 1997), um dos alunos de Ferdinand de Saussure: “[...] A significação como contrapartida da imagem [auditiva] e a significação como contrapartida de termos coexistentes se confundem. [...] É preciso esses dois elementos para o valor”.

Retomando nossa frase-exemplo anterior, a significação de “João” está na relação interna do seu significado com seu significante, e também na oposição do signo “João” com os demais signos do sistema.

A PERSPECTIVA DE HJELMSLEV

Hjelmslev apresentou uma perspectiva bastante rígida da teoria estruturalista. Em seus estudos, ele propôs uma análise somente da forma, ou seja, da língua, levando ao extremo a última frase do Curso de Linguística Geral (Saussure, 2006, p. 271): “*A Lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma*”. Para chegar a uma análise da língua, Hjelmslev (1991) divide metodologicamente os planos do signo em forma e substância, dizendo que o que importa são as formas, pois as substâncias não seriam previsíveis.

Se olharmos para a proposta de Hjelmslev (1991), escrita em 1957, para uma semântica estrutural, vemos que, apesar de tanto Hjelmslev quanto Bouquet tomarem o Curso de Linguística Geral como base, as ideias de ambos sobre significação e valor são diferentes. Hjelmslev, operando sob uma visão que parte puramente do Curso de Linguística Geral⁷, propõe uma divisão de ambos os planos da expressão (significante) e do conteúdo (significado) em forma e substância, e indica que a significação corresponde à substância do plano do conteúdo. Essa significação estaria, portanto, ao contrário do que propõe Bouquet (1997), na ordem do sintagma, ou seja, na fala e não no sistema. Por essa visão, a significação seria substância, não sendo relevante ao estudo linguístico.

Retomando nosso já conhecido exemplo, a significação de “João” seria a sua aposição aos demais termos da frase. Ou seja, seria aquela porção de valor suscitado na presença em um sintagma, sem levar em conta a oposição aos demais signos da língua.

Seguindo o pensamento de Hjelmslev (1991, p. 122), o valor funciona como sendo “*o elemento que serve para definir o arranjo paradigmático das correlações*”. Para Hjelmslev (1991), o valor nada tem de semântico, sendo que uma análise semântica se daria a partir das provas de comutação e substituição.

O QUE ENTENDEMOS

⁷ Os cadernos dos alunos e os manuscritos de Ferdinand de Saussure foram descobertos somente muitos anos após a publicação dos estudos de Hjelmslev.

Reconhecemos a importância dos autores aqui envolvidos e não temos nenhuma intenção de refutar definitivamente as ideias até então expostas em seu nome. Porém, pudemos depreender algumas ideias iniciais a partir de nossa leitura. Ideias essas muito mais frágeis, no sentido de que não foram ainda amplamente discutidas, sendo fruto de uma proposta ensaística.

A partir das visões apresentadas, entendemos que o Curso de Linguística Geral parece apontar a significação como contrapartida do significante, no sentido de se abordar o significante em sua substância, ou seja, a significação está envolvida na ocorrência de um signo na fala. Resta, porém, discutir se há algo *in absentia* envolvido na significação. Bouquet (1997) aponta que a interação significação também se daria *in absentia*, já Hjelmslev (1991) acredita que somente o valor *in praesentia* entra nessa questão.

Acreditamos ser muito difícil que a significação se dê apenas *in praesentia* e que não haja algo *in absentia* envolvido. Isso porque nossa compreensão de um determinado signo está vinculada à ativação de uma parte do valor linguístico, mas sempre deixando latente as demais possibilidades para ativações. Parece-nos que os trocadilhos são um bom exemplo de como o valor sistêmico está latente na fala, pois seria impossível fazer um trocadilho somente a partir do valor ativado *in praesentia*.

Entendemos que a significação é algo fundamental para o valor linguístico. Assim como ela nunca o recobre totalmente, ele também nunca a recobre totalmente. A significação nunca está limitada pelo valor linguístico, pois ela é a parte contingente do signo. É ela que permite a criação de novos significados, que estavam latentes na língua. Em termos hjelmslevianos, diríamos que a significação ajuda a determinar a forma do plano do conteúdo, já que ela é contingente, enquanto o significado, tomado em sua forma, é estabelecido pela soma das significações já realizadas. Ou seja, significado, ao nosso entender, pode ser compreendido como um participio, como a soma dos signos que já foram significados (que já receberam uma significação na fala).

Parece-nos, então, que a forma do conteúdo, representada por invariantes, se junta à forma da expressão, representada também por invariantes, no interior do signo e apresenta os valores *in absentia*, enquanto as substâncias, da expressão e do conteúdo, contribuem para a existência das formas através da apresentação de valores *in praesentia*, já que, como também o compreendeu Saussure (2006), a fala (substância) é necessária ao sistema.

A significação, dessa forma, é concebida como parte do significado, ao mesmo tempo em que é considerada seu determinante. O significado, por sua vez, é representado pela soma das significações realizadas. Dessa forma, é na significação que se localizam as contingências, e não no significado. Portanto, a substância também estaria contida no sistema.

Assim, os valores *in praesentia*, estabelecidos pela substância do significante (expressão) e do significado (conteúdo), determinam os valores *in absentia*.

IMPLICAÇÕES PARA A TERMINOLOGIA

Se entendemos que a significação de uma unidade se dá no eixo sintagmático, também entendemos que um termo somente se apresenta como tal nesse eixo. Um termo não existe, portanto, fora de seu contexto linguístico. Em outras palavras, um termo não o é. São as palavras ou sintagmas da língua que adquirem no eixo sintagmático o valor, ou a significação, de termo.

As visões que desprezam o contexto não levam em consideração essas questões linguísticas de extrema importância, como é o caso da Teoria Geral de Terminologia, que foi proposta por um engenheiro. Apesar de reconhecermos a importância da proposta de Wüster e sabermos de todas as suas conquistas, entendemos também que lhe falta uma vinculação linguística mais explícita.

No nosso entendimento, um termo seria reconhecido como uma substância do significante que, na forma do seu significado, comporta, em algum ponto, uma oposição às outras formas de significados que delimitam uma especificidade aplicável à determinada área especializada. Essa delimitação, porém, não pode ser apreciada *a priori*, ou seja, não pode ser apreciada independentemente da substância. Dito de outro modo, uma palavra, para ser termo, deve comportar ou instaurar, na forma de seu significado, um valor *in absentia* que apresente características precisas em relação ao texto especializado que a comporta. Porém, se a significação apresentada se refere ou não à parte do significado que é especializada, só podemos concluir a partir da ocorrência no texto.

Ao entendermos que é a partir da significação, ou seja, da substância do significado, que podemos apreciar um termo, entendemos também, por consequência, que as outras palavras existentes no eixo sintagmático também são especializadas. Isso ocorre porque elas são empregadas junto a um significante cuja forma, sendo invariante, não autoriza uma significação que ocorra junto a uma palavra não terminológica. A significação por oposição requer que todas as palavras sejam especializadas ou não especializadas, pois não há uma definição positiva.

Isso implica também reconhecer que, se os contextos linguísticos presentes em textos especializados forem diferentes dos contextos linguísticos não especializados, teremos conseqüentemente uma anulação da existência de termos. Se os signos presentes no eixo sintagmático adquirem todos uma significação devida à sua oposição, todos adquirem, automaticamente, um valor de termo, anulando a necessidade dessa acepção. Porém, resta ainda ser averiguada essa distinção entre contextos linguísticos especializados e não especializados. De qualquer modo, distinguir termos de palavras em um texto parece perder sua utilidade, pois, ou todas as palavras seriam termos, ou todas seriam palavras da língua comum. Resta então uma distinção entre texto especializado e não especializado.

Apresentamos uma explicação para isso a seguir.

AS LINGUAGENS ESPECIALIZADAS COMO SUBLINGUAGENS

Hoffmann (1988b, p. 116) nos propõe que as linguagens especializadas sejam entendidas como “a totalidade dos meios linguísticos utilizados em uma área da comunicação delimitada pela especialidade para garantir o entendimento entre as

pessoas nela atuantes”⁸. Pearson (1990) nos indica, porém, que só se consegue delimitar uma linguagem especializada através da consideração dos diferentes gêneros textuais. Assim, uma linguagem especializada não se determina somente pela área, mas também pelo gênero textual que se avalia.

As linguagens especializadas conformam assim, sublinguagens, ou seja, “um sistema parcial ou subsistema da língua que se atualiza nos textos de áreas especializadas da comunicação”⁹ (Hoffmann, 1988a, p. 9). Nisso está subentendido que a determinação do que conformará uma sublinguagem não está somente no plano linguístico, mas também na subdivisão das áreas especializadas estabelecida pela sociedade.

Para que se sustente essa visão de que uma linguagem especializada é uma sublinguagem do sistema linguístico, é preciso ainda confirmar de fato, como foi mencionado na seção anterior, que as estruturas dos textos especializados são realmente diferentes das que estão nos textos não especializados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na explanação ensaística realizada, pudemos ver que uma introdução do valor como determinante para a existência de um termo não se dá sem consequências graves para algumas teorias terminológicas. Devido à sua relação essencialmente oposicional, notamos que a introdução do valor para a Terminologia faria com que se assumissem três principais consequências:

1 – um termo não existe sem seu contexto, pois precisamos dele para poder apreender seu valor *in praesentia* e sua significação, e, com isso, determinar se a parte empregada do significado corresponde ao significado empregado em textos das áreas especializadas;

2 – ter seu valor terminológico determinado pelo contexto implica em reconhecer que as outras palavras presentes no contexto apresentam valor terminológico; e

3 – reconhecer que as outras palavras também adquirem valor terminológico implica, por fim, a eliminação da existência de termos.

Se admitimos que termos não existem, então a Terminologia deve automaticamente descartar as tentativas de avaliação de vocabulários especializados e passar a tratar somente dos textos especializados entendidos como um todo. Os vocabulários “especiais” têm de ser tratados como significações difíceis de acessar para não iniciados em uma determinada área ou prática especializada.

Ao se reconhecer a importância da observação dos textos especializados como um todo, torna-se necessária uma abordagem que explore o *modus dicendi* das áreas e dos gêneros textuais escolhidos, de forma a poder apresentar à sociedade as formas empregadas nos textos. As substâncias, para tal, perderiam seu valor para a

⁸ No original: “die Gesamtheit aller sprachlichen Mittel, die in einem fachlich begrenzten Kommunikationsbereich verwendet werden, um die Verständigung zwischen den in diesem Bereich tätigen Menschen zu gewährleisten”.

⁹ No original: “ein Teil- oder Subsystem der Sprache, das in den Texten spezieller Kommunikationsbereiche aktualisiert wird”.

Terminologia, servindo apenas como um meio para se chegar às formas, ou seja, como uma porta de acesso às significações especializadas das palavras empregadas. Retornamos assim, à ideia presente no Curso de Linguística Geral e levada ao extremo por Hjelmslev. A diferença é que não defendemos isso para a Linguística, mas sim para a Terminologia.

Para a Terminografia, que se encarrega até então de inventariar termos e indicar seus significados, o trabalho se torna mais simples, visto que não há mais a necessidade de decidir o que é termo, bastando observar as ocorrências nos textos especializados e averiguar sua relevância para o usuário em questão, aproximando-se muito da Lexicografia, apenas entendendo que existem determinadas palavras que ativam uma parte do valor que não é de conhecimento comum.

Resta, porém, uma última e decisiva consequência: se não há termos, o nome da área de estudos poderia ser definitivamente alterado para Linguística do Texto Especializado, um nome já proposto nos anos 1980.

BIBLIOGRAFIA

- CABRÉ, M.T. (1999) *La Terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: IULA/UPF.
- HJELMSLEV, L. (1991) *Ensaio lingüísticos*. São Paulo: Ed. Perspectiva. [Tradução do inglês por Antônio de Pádua Danesi]
- HOFFMANN, L. (1988a) Grundbegriffe der Fachsprachenlinguistik. In: *Germanistisches Jahrbuch für Nordeuropa*. 7. Folge. Deutsche Fachsprachen in Forschung und Lehre. Helsinki, Estocolmo: p. 9-16.
- HOFFMANN, L. (1988b) *Vom Fachwort zum Fachtext: Beiträge zur Angewandten Linguistik*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- KALVERKÄMPER, H. (1983) Textuelle Fachsprachen-Linguistik als Aufgabe. In: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, v. 51/52, n° 13, p. 124-166.
- PEARSON, J. *Terms in context*. (1998) Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.
- SAUSSURE, F. de. (2006) *Curso de lingüística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 27ª ed. Traduzido por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blickstein.
- WÜSTER, E. (1974) Die allgemeine Terminologielehre: ein Grenzgebiet zwischen Sprachwissenschaft, Logik, Ontologie, Informatik und den Sachwissenschaften. In: *Linguistics*, v. 119, p. 61-106.
- ZILIO, L. (2010) Terminologia Textual e Lingüística de Corpus: estudo em parceria. In: PERNA, C.L.; DELGADO, H.K.; FINATTO, M.J.B. (Orgs.) *Linguagens Especializadas em Corpora: modos de dizer e interfaces de pesquisa*. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/linguagensespecializadasemcorpora.pdf>>.